



Fora Estados Unidos da Venezuela e da América Latina!

Defesa incondicional da Venezuela e do governo Maduro frente ao ataque dos EUA.

O petróleo da Venezuela pertence aos venezuelanos.

Constituir a Frente Única Anti-imperialista, dirigida pela classe operária, para derrotar o imperialismo e defender a soberania nacional da Venezuela e das demais nações oprimidas.

Logo depois de sequestrar o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, e sua esposa, em 3 de janeiro, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump declarou abertamente que seu objetivo é o de controlar (entenda-se: roubar) a maior reserva de petróleo do mundo, que se encontra na Venezuela. Para sequestrar Maduro, Donald Trump mandou bombardear bases militares e prédios civis matando 80 pessoas, entre militares e civis.

Nas últimas décadas os Estados Unidos vêm perdendo influência e mercados na guerra comercial com a China. Por isso, Trump decidiu sancionar com tarifas de importação e fazer ameaça direta de intervenção militar aos países e governos que não se submetem aos seus interesses. Isso é o que está fazendo na Venezuela.

Trump primeiro ordenou um bloqueio naval no Mar do Caribe. Bombardeou vários barcos matando mais de 70 pessoas. Sequestrou e roubou 3 buques que transportavam petróleo. Tudo isso para tentar quebrar a economia da Venezuela e colocar no poder um governo vassalo que permita às petroleiras americanas explorar o petróleo e demais riquezas do país.

No Brasil, representantes da ultradireita bolsonarista como o Dep. Nicolas Ferreira, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, e outros capachos de Trump, comemoraram o ataque dos Estados Unidos à Venezuela. O governo burguês de Lula por sua vez, mostrando seu caráter entreguista, permite que multinacionais petroleiras como as norte-americanas Chevron e ExxonMobil, explorem o petróleo brasileiro. Enquanto Donald Trump ataca a Venezuela, Lula declarou recentemente que “ficou amigo” de Donald Trump. A burguesia nacional e seus governos entreguistas são incapazes de defender a soberania nacional.

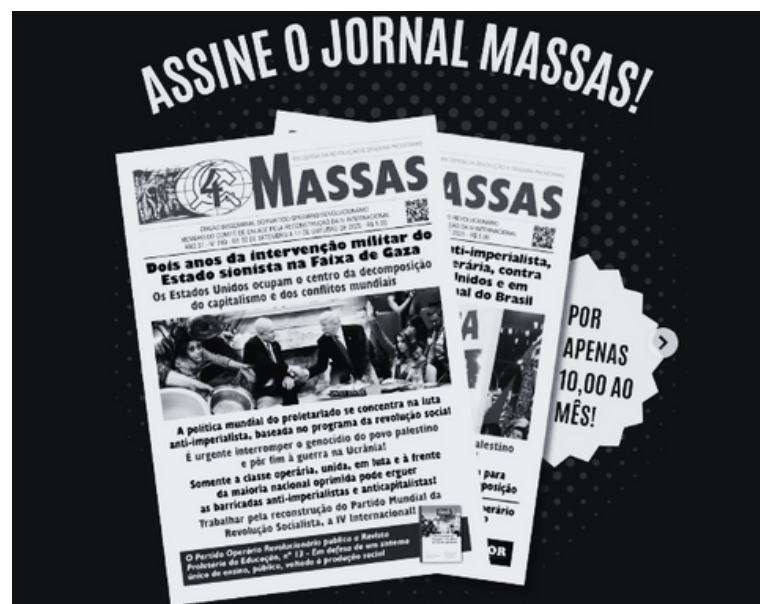
Somente a classe operária unida, por meio de suas próprias organizações, seus métodos de luta e seu programa revolucionário, pode dirigir a maioria oprimida e derrotar a ofensiva imperialista.

Depois de sequestrar o presidente da Venezuela, Trump ameaçou fazer o mesmo com o presidente da Colômbia e falou que pretende anexar a Groenlândia. Em 1964, os Estados Unidos para combater o movimento operário que se levantava em greve no Brasil, financiou o golpe de Estado que derrubou o governo de João Goulart e estabeleceu a ditadura militar até 1985, prendendo, torturando e assassinando mais de 10 mil trabalhadores.

O Boletim Nossa Classe chama os operários e demais explorados a defender de forma incondicional a Venezuela e não acreditar na conversa fiada de que os EUA estão lutando contra o “narcotráfico” ou “defendendo a democracia”. Trump representa os interesses das petroleiras e já declarou que seu objetivo é o de transformar outra vez a América Latina em seu quintal para saquear o petróleo e seus recursos naturais. Devemos responder às ameaças e intervenção militar dos Estados Unidos na Venezuela e na América Latina, organizando um movimento antiimperialista.

A tarefa colocada é a de organizar a frente única antiimperialista, da maioria oprimida, liderada pela classe operária para combater a burguesia nacional entreguista, expropriar e estatizar sem indenização e sob o controle operário as multinacionais e empresas privadas, expulsar o imperialismo e constituir nosso próprio governo, operário e camponês, expressão da ditadura do proletariado.

O Nossa Classe chama os operários a exigir que os sindicatos e centrais convoquem um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, como preparação da greve geral, para defender o programa próprio de reivindicações, expulsar o imperialismo da Venezuela e da América Latina e defender a autodeterminação das nações oprimidas.



Mais um capítulo da ofensiva patronal combinada com a capitulação da burocracia sindical

Perante ofensiva Imperialista, Gerdau socializa os prejuízos e privatiza os lucros Sindicato só tem a “negociação” para oferecer aos trabalhadores

Para salvaguardar e impulsionar sua taxa de lucro, o patronal descarrega a crise capitalista sobre as costas dos trabalhadores. Como resposta ao tarifaço de Donald Trump, a Gerdau, que já fechou 1.500 postos de trabalho entre janeiro e julho de 2025 em unidades do interior de São Paulo, agora impõe perdas significativas na PLR aos operários de Sapucaia do Sul, ou seja, transferindo a comanda do Imperialismo aos trabalhadores brasileiros. O arrocho salarial, a retirada de direitos, a chantagem permanente sobre os empregos, são mecanismos clássicos da patronal diante do aprofundamento da crise capitalista. Enquanto isso, a riqueza produzida segue concentrada nas mãos dos acionistas.

Grave também é o papel desempenhado pela direção do sindicato, que invés de organizar a resposta coletiva, convocando as assembleias para discutir um programa próprio da classe operária a ser defendido com a greve, unificando a luta com outros setores, preferem empurrar a categoria para a passividade das negociações. Esse método serve para conter a revolta operária e conduzir acordos rebaixados, apresentados depois como “o possível”. Desse jeito, o sindicato deixa de ser instrumento de luta e se transforma em correia de transmissão dos interesses da empresa.

A classe operária precisa se impor, desautorizando as negociações de gabinete que o sindicato oferece, exigindo a ruptura com essa política conciliadora, utilizando seus próprios métodos históricos de luta. A única língua que a patronal entende é a greve!

Diante da guerra comercial e da intervenção estadunidense no Brasil, através do tarifaço, a oposição burguesa ultradireitista, liderada por Bolsonaro, se mostra totalmente subordinada aos interesses de Donald Trump. O governo Lula, deixando claro que é defensor dos capitalistas e não dos trabalhadores, anunciou um plano de ajuda de R\$30 bilhões aos empresários, que estão fechando fábricas e demitindo.

A classe operária e os demais trabalhadores iniciam o ano ameaçados de arcar com mais contrarreformas. O reajuste do salário mínimo pouco acima da inflação mantém a pobreza e a miséria da maioria oprimida. A informalidade e a terceirização continuarão.

O Boletim Nossa Classe levanta a bandeira da Frente Única Anti-imperialista, liderada pela classe operária, na defesa dos salários, empregos e direitos! Defendemos que os sindicatos convoquem assembleias gerais em todos os setores. A tarefa colocada é a de derrotar o Imperialismo e a burguesia nacional entreguista com os métodos da revolução proletária e com o objetivo de constituição do governo operário e camponês. O ponto de partida é o da convocação de um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, como preparação da greve geral, em defesa do programa próprio de reivindicações.

PLR é um mecanismo de rebaixamento salarial Devemos lutar pelas escalas móveis de salário e de horas de trabalho

A PLR cumpre a função de substituir aumentos reais de salário por uma remuneração incerta, condicionada aos critérios impostos unilateralmente pela empresa. Em vez de incorporar o valor produzido ao salário, que deveria ser reajustável de acordo com a inflação real, a PLR transforma parte do salário em prêmio eventual, submetendo o trabalhador às metas de produtividade, ou seja, à intensificação do ritmo de trabalho.

No capitalismo em decomposição a PLR é utilizada para transferir os riscos do negócio aos trabalhadores. A empresa apresenta a PLR como generosidade, mas quando tem supostos “prejuízos”, como no caso recente da Gerdau, os trabalhadores são chamados a “dividir as perdas”, mesmo não tendo qualquer controle sobre a gestão, sobre os investimentos, etc. Trata-se de uma fraude, porque quem produz a riqueza não decide nada.

Por isso denunciemos que ao negociar PLR no lugar de salário, as direções sindicais ajudam a rebaixar o piso da categoria, fragmentam a remuneração e abandonam a luta por reivindicações próprias da classe operária, como o salário mínimo vital, como a escala móvel de salários e da jornada de trabalho.

O Boletim Nossa Classe chama os operários a exigirem que as centrais e sindicatos convoquem um Dia Nacional de Luta para defender um programa próprio de reivindicações dos explorados, tendo como centro a luta pelo salário mínimo vital, que de acordo com o DIEESE, para manter uma família de quatro pessoas deveria ser de R\$7.106,83.

Leram e divulguem o Jornal Massas. É um jornal voltado à luta pela emancipação da classe operária e demais oprimidos da exploração capitalista. É um jornal do Partido Operário Revolucionário (POR) que luta pelo fim do capitalismo e pela construção da sociedade sem exploração do homem pelo homem, uma sociedade socialista. O Boletim Nossa Classe chama os trabalhadores a dar todo apoio ao Jornal Massas!